



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **10 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sexta-feira, 27 de maio de 2011

DIÁRIO DO AMAZONAS Bancada federal do Amazonas se omite em questões da região VEICULAÇÃO LOCAL	1
O ESTADO DE SÃO PAULO MONTADORAS DA CHINA DESAFIAM INDÚSTRIA BRASILEIRA VEICULAÇÃO NACIONAL	3
O ESTADO DE SÃO PAULO GOVERNO ESTUDA LICENÇA NÃO AUTOMÁTICA EM OUTRAS ÁREAS VEICULAÇÃO NACIONAL	4
FOLHA DE SÃO PAULO BRASIL PREPARA CÂMARA DE COMÉRCIO NA CHINA VEICULAÇÃO NACIONAL	5
VALOR ECONÔMICO PARA INDÚSTRIA, NEGOCIAR COTAS É DIFÍCIL VEICULAÇÃO NACIONAL	6
VALOR ECONÔMICO PAÍS PODE TER FÁBRICA DE TELAS EM TRÊS ANOS VEICULAÇÃO NACIONAL	8
VALOR ECONÔMICO NADA PODE SER FEITO COM O CÂMBIO, DIZ PIMENTEL VEICULAÇÃO NACIONAL	9
BBC Brasil Explosão em planta de fabricante de iPads agrava crise de imagem da empresa VEICULAÇÃO NACIONAL	11
FOLHA.COM Zona Franca produzirá tablets a partir de junho VEICULAÇÃO NACIONAL	14
PORTAL A CRÍTICA Suframa e CBA recebem visitas de embaixadores de países do sudeste asiático VEICULAÇÃO NACIONAL	15

	VEÍCULO DIÁRIO DO AMAZONAS	EDITORIA
	TÍTULO Bancada federal do Amazonas se omite em questões da região	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Exemplos mais recentes de omissão foram a MP dos Tablets e o novo Código Florestal.

Manaus - Em quatro meses de mandato, deputados federais e senadores eleitos pelo **Amazonas** não demonstraram persistência em discussões que afetam diretamente o Estado. A omissão dos parlamentares foi sentida no debate da Medida Provisória (MP) 534, que ocasionou na perda de vantagens fiscais para o Polo Industrial de **Manaus (PIM)** para atrair fabricantes de tablets, e do Código Florestal, que incide diretamente na região amazônica.

A MP 534 foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) na última segunda-feira 23. Com a edição da medida, **Manaus** perdeu a vantagem fiscal de produzir tablets, os computadores de prancheta, pois a norma iguala os benefícios locais ao restante do País. O senador Eduardo Braga (PMDB) será o relator da medida, que agora tramita no Congresso Nacional para receber emendas. Os senadores ensaiam agora a **produção** de emendas em conjunto, numa tentativa de amenizar o impacto da MP sobre a **Zona Franca de Manaus (ZFM)**.

Na última terça-feira (24), a Câmara dos Deputados aprovou o Código Florestal Brasileiro. Dos oito deputados federais do **Amazonas**, apenas Francisco Praciano (PT) votou contra a medida. Antes da votação, entretanto, pouca discussão acerca do assunto foi travada entre os parlamentares.

A inércia dos parlamentares foi tema de pronunciamentos de vereadores e deputados estaduais. Na Câmara Municipal de **Manaus** (CMM), o vereador Paulo De'Carli (PRTB) criticou a bancada amazonense, afirmando que os parlamentares "cochilaram". "Vale um alerta ao (deputado federal) Praciano e ao (senador) João Pedro (ambos do PT), para que falem com Dilma. Não vale mais o argumento de que é preciso negociar.

Precisamos entrar com os dois pés na porta para defender os interesses do **Amazonas**", afirmou.

Para o vereador Leonel Feitoza, também houve morosidade por parte dos parlamentares no Congresso Nacional. "Em épocas passadas, cansei de ver o (ex-senador) Arthur Neto trancando a pauta do Senado para defender a **ZFM**. Não vi pronunciamento de um senador sequer agora, com exceção do deputado federal Pauderney. De que adianta prorrogar a **ZFM** por mais quinhentos anos se ninguém age?", criticou.

Na Assembleia Legislativa do Estado (ALE), o deputado estadual Marcelo Ramos (PSB) considerou a MP 534 "o primeiro tiro". Ramos também disse que a bancada federal "cochilou" durante a discussão da MP 534 e que precisa estar alerta às discussões do **Governo Federal** sobre a Reforma Tributária. "Se for aprovada como está sendo concebida hoje, com a alíquota de 2% para tudo significa o fim da **ZFM**. Ela pode ser prorrogada até por mil anos porque vai perder competitividade".

União

O senador João Pedro (PT) afirmou que as críticas em relação à pouca atuação da bancada são "irresponsáveis". "Não existe isso, eles estão falando besteira. Não existe mobilismo. A bancada está trabalhando séria, unida e forte. Essas declarações beiram a irresponsabilidade, são ridículas. Estamos no caminho certo, com muito debate e conversa, em defesa dos direitos da **ZFM** e dos empregos dos amazonenses", desabafou o senador.

A senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB) disse que a bancada está unida para que a **Zona Franca** não perca vantagens. Ela ressaltou ainda que a medida é decorrente da Lei da Informática, sancionada em 2001, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). "Eles criticam a (presidente) Dilma (PT), dizem

que ela é traidora, mas esquecem que tudo isso está acontecendo por causa da aprovação da Lei de Informática. Na época do FHC, tínhamos um amazonense como líder do governo e ele não fez nada”, criticou a senadora, referindo-se ao ex-senador Arthur Neto (PSDB).

Vanessa afirmou que o governador do **Amazonas**, Omar Aziz (PMN) e toda a bancada federal estão unidos nas articulações e nos debates pós-MP. “Vamos tomar medidas e negociar com o governo

para garantir a competitividade da **ZFM**. Alguns parlamentares criticam em tom maldoso, mas esse clima de catástrofe, de ‘já perdeu’ não corresponde à realidade. Já definimos nossa tática, estamos em negociações e sabemos como agir conjuntamente”.

Para o deputado federal Pauderney Avelino (DEM), o fato de Braga ser o relator da MP garante benefícios para o **Amazonas**.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO MONTADORAS DA CHINA DESAFIAM INDÚSTRIA BRASILEIRA		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A entrada das montadoras chinesas no **Brasil** é um desafio para a indústria nacional e poderá ter impacto "severo" sobre toda a cadeia automobilística, caso esses novos atores decidam **importar** os carros prontos ou desmontados em esquema de CKD, em vez de produzi-los localmente, conclui estudo do Conselho

Empresarial Brasil-China (CEBC).

De acordo com o levantamento, três montadoras chinesas anunciaram desde o ano passado investimentos de US\$ 620 milhões no Brasil: Cherry, JAC e Dongfeng. As duas primeiras já têm concessionárias e vendem

carros no País. Como quase todas as empresas do país asiático que investem no Brasil, as três são estatais.

Os negócios foram os maiores em setores industriais voltados ao **mercado** interno e provavelmente serão os primeiros de vários outros envolvendo montadoras chinesas. A grande dúvida é o modelo adotado por essas empresas e o impacto que suas escolhas terão sobre as fabricantes instaladas no **Brasil** e os fornecedores de autopeças. Por enquanto, a opção têm sido pela **importação** da China. Se a tendência for mantida, isso poderá levar a uma regressão na estrutura industrial brasileira, diz o estudo.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO GOVERNO ESTUDA LICENÇA NÃO AUTOMÁTICA EM OUTRAS ÁREAS		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

PIMentel explica que instrumento será usado para proteger a indústria nacional a curto prazo, br como no caso dos carros

O ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior, Fernando **PIM**entel, disse ontem que o governo estuda impor licenças não automáticas para **importações** em outros setores. De acordo com ele, a adoção de práticas mais ativas de defesa comercial será uma das estratégias do governo para proteger a indústria nacional no curto prazo.

"Nós vamos agregar outras medidas, como o licenciamento não automático para **importações**, que é permitido pelas regras da Organização Mundial do **Comércio** (OMC), para aqueles setores em que há claramente uma ameaça na balança comercial", afirmou, durante palestra no seminário **Brasil** do Diálogo, da **Produção** e do Emprego, na capital paulista. "Vamos usar tudo o que for possível, dentro das regras da OMC, para defender a competitividade da **produção** nacional."

No dia 12, o governo brasileiro impôs licenças não automáticas (que demoram um prazo máximo de 60 dias para liberar produtos) à **importação** de carros. A medida atinge, principalmente, o **mercado** argentino.

PIMentel não quis adiantar quais setores poderão ser alvo de licenças não automáticas. "Estamos trabalhando com os dados da balança comercial. Onde houver ameaça séria ao nosso saldo, vamos utilizar medidas adequadas de defesa comercial."

Na avaliação dele, não se trata de medidas protecionistas, pois as medidas estarão dentro das regras da OMC. "Esse instrumento ficou um pouco relegado nos últimos anos, talvez o câmbio exageradamente valorizado tenha nos deixado um pouco preguiçosos nessa história, mas hoje não é mais assim. Estamos atentos a isso e vamos continuar praticando a boa política de defesa comercial."

Argentina. Em Buenos Aires, as montadoras de automóveis estão preocupadas pelo fracasso das negociações bilaterais, realizadas em Buenos Aires, na segunda e terça-feira, para tentar desativar a crise.

Ontem, o presidente da Associação de Fabricantes de Automóveis, Aníbal Borderes, declarou que "na medida que o impasse se prolongue, a preocupação é cada vez maior".

Fontes do setor indicam que, caso o **Brasil** continue aplicando a medida, as vendas argentinas de automóveis para o **mercado** brasileiro poderiam despencar 20% este ano, já que acumulariam problemas de logística graves, entre elas, a falta de espaço para colocar os veículos produzidos.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO BRASIL PREPARA CÂMARA DE <u>COMÉRCIO</u> NA CHINA		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Empresas nacionais com atuação no país asiático se articulam para criar entidade

FABIANO MAISONNAVE

ENVIADO ESPECIAL A XANGAI

Atrasadas em relação a multinacionais de países como Alemanha e Espanha, empresas brasileiras instaladas na China estudam a criação de uma entidade formal para representar interesses coletivos no país.

O assunto tem sido um tema recorrente do Fórum Brasil, grupo informal que reúne empresas instaladas na China, como Vale, Embraer, **Brasil** Foods e escritórios de advocacia. São cerca de 60 empresas, o dobro de quando o grupo foi criado, em 2004.

"A formalização dará mais visibilidade às empresas que atuam na China, inclusive perante o governo", diz o atual coordenador do fórum, Sérgio de Quadros, representante do Banco do **Brasil** no país. Mas ele ressaltou que não há decisão tomada e que as matrizes ainda não foram consultadas.

A ideia de uma câmara comercial brasileira na China é incentivada pelo consulado em Xangai, que fez um levantamento sobre o assunto.

"A criação de uma câmara é uma evolução natural das nossas relações", afirma o cônsul em Xangai,

Marcos Caramuru. "É claro que, na maioria dos casos, o governo defende o seu setor privado. Mas há vários temas que são típicos do setor privado."

Responsável pela área comercial do consulado, Gláucio Veloso resalta que todos os países com presença empresarial **importante** na China têm câmaras formais, responsáveis por relatórios sobre ambiente de negócios e pesquisas de **mercado**, além de assessorar empresas que querem se instalar na China.

Mas a criação de uma câmara é trabalhosa, diz Veloso. A legislação chinesa exige relatório anual, estrutura organizacional dos membros e prestação de contas.

A demora do Fórum **Brasil** em se formalizar incentivou a criação de outro grupo, Profissionais Brasileiros na China (PBC).

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO PARA INDÚSTRIA, NEGOCIAR COTAS É DIFÍCIL		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A ideia de negociar acordos de restrição "voluntária" das **exportações** à Argentina, pelos quais os produtores brasileiros se comprometem a não exceder um volume pré-definido de vendas ao país vizinho em troca de flexibilização das barreiras protecionistas, pode esbarrar em novas divergências entre as indústrias dos dois lados. A fixação de cotas para setores como máquinas agrícolas foi aventada pelo governo brasileiro como possível saída para a escalada do conflito no **comércio** bilateral.

No entanto, os casos específicos mostram que uma solução não será nada fácil. A indústria argentina de calçados propõe manter ou até diminuir a cota de **importados do Brasil** no âmbito do acordo firmado em meados de 2009, que se encontra nos últimos meses de vigência.

No ano anterior ao acordo, o **Brasil** vendeu 18,5 milhões de pares à Argentina. Isso representava 58% do total de calçados **importados** pelo país vizinho, segundo a consultoria IES. Pelo entendimento, as **exportações** brasileiras ficaram limitadas a 15 milhões de pares por ano, até o fim de 2011. Na prática, devido à aplicação de licenças não automáticas, têm ficado abaixo disso. No ano passado, foram 14,2 milhões de pares. Nos quatro primeiros meses deste ano, o volume alcançou 2,7 milhões de pares e o Brasil viu sua participação no **mercado** argentino reduzida para 48,4%, com o avanço de fornecedores asiáticos como Indonésia, Vietnã e Malásia.

Os dois países precisam definir como ficará o **comércio** a partir de 2012. "Estamos dispostos a renovar o acordo por mais três anos", disse ao Valor o presidente da Câmara da Indústria de Calçados (CIC), que representa os fabricantes argentinos, Alberto Sellaro. Como oferta inicial para sentar e negociar, ele fala em

reduzir o volume de **importados do Brasil** a 12 milhões de pares. Admite a possibilidade de chegar, no máximo, aos mesmos 15 milhões. "E não mais!"

Os produtores brasileiros, embora não tenham começado a negociar, consideram a proposta inaceitável. A Abicalçados diz que o **mercado** argentino aumentou de tamanho desde o último acordo e o novo volume deve levar isso em conta. A CIC rebate. Para Sellaro, ceder agora seria interromper um processo de consolidação do setor, que produziu 108 milhões de pares de calçados e deverá alcançar 114 milhões de pares em 2011.

Outro setor que pode ser incentivado pelo governo brasileiro a buscar algum tipo de acordo com os argentinos é o de linha branca. A Eletros, entidade que reúne os fabricantes de eletrodomésticos, vai consultar seus associados sobre a conveniência de negociar um acordo de cotas "voluntárias" para as **exportações** à Argentina. "A experiência mostra que é bastante difícil, mas nunca vamos abandonar o diálogo", afirma o presidente da Eletros, Lourival Kiyula. Os fabricantes de geladeiras, por exemplo, chegaram a aceitar um acordo do gênero em 2004 e recusaram-se a renová-lo em 2006.

Kiyula rechaçou as acusações - feitas pela ministra da Indústria da Argentina, Débora Giorgi, em carta a seu colega Fernando **PIM**entel - de que a Eletros pressiona o varejo brasileiro a não comprar eletrodomésticos de linha branca fabricados no país vizinho. O governo argentino usa esse argumento para travar a entrada de geladeiras, fogões e lavarroupas do Brasil, exigindo reciprocidade na abertura do **mercado**. "Uma atitude dessas nunca passou pela nossa cabeça. Se tivesse acontecido, alguém do Cade já teria nos chamado por formação de cartel", diz Kiyula.

No setor automotivo, as montadoras instaladas na Argentina dizem que há mais de quatro mil veículos

acumulados na fronteira, esperando a emissão das licenças não automáticas de **importação** pelo governo brasileiro. Segundo a Associação de Fábricas de Automotores (Adefa), ainda não se está discutindo

diminuir a **produção** ou suspender turnos de trabalho. Está em análise, por enquanto, adiantar a **produção** voltada especificamente ao **mercado** interno.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO PAÍS PODE TER FÁBRICA DE TELAS EM TRÊS ANOS		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

O ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)**, Fernando **PIM**entel, disse ontem que em cerca de três anos o Brasil deverá se tornar o primeiro país fora da Ásia a ter uma fábrica de telas de tablets.

"Hoje, a tela de tablet só é produzida por empresas na Coreia do Sul, no Japão e na China", afirmou o ministro após participar de seminário promovido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), em parceria com as centrais sindicais, para discutir questões relacionadas à indústria nacional.

Segundo ele, deveria ser publicada ontem a portaria que regula o Processo Produtivo Básico (**PPB**) dos tablets no Brasil. No documento deverão constar "exigências muito altas, muito pesadas", referentes ao uso de componentes nacionais. Entretanto, fontes do **Ministério** informaram ao Valor que a portaria só deverá ser publicada no início da próxima semana. O

assunto tem recebido atenção do atual governo porque a presidente Dilma Rousseff pretende dar prioridade à **produção** de semicondutores no país para reduzir o déficit da balança comercial.

"A partir de 2012, vamos incorporar cada vez mais nacionalização na **produção** do tablet", afirmou, destacando que na fabricação de telas será exigido 50% de conteúdo nacional em 2012.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO NADA PODE SER FEITO COM O CÂMBIO, DIZ PIMENTEL		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Em evento destinado a trazer o **Governo Federal** para dentro de uma negociação tripartite, industriais e sindicalistas ouviram de Fernando **PIM**entel, ministro do **Desenvolvimento**, uma crítica sonora à indústria brasileira.

Apresentado por Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), como "nosso da indústria grande interlocutor no **Governo Federal**", **PIM**entel falou aos cerca de 400 empresários e trabalhadores do ramo industrial, ontem, em São Paulo, que a indústria brasileira precisa se modernizar - e rápido. "Nossa indústria é do século XX. Se os empresários não forem rápidos, perderemos a competição com a Ásia, que já está muito à frente."

As nove horas de duração do seminário, ontem, em que o documento "Acordo entre trabalhadores e empresários pelo futuro da **produção** e do emprego" foi divulgado, foram ocupadas por críticas ao patamar da taxa de câmbio e às taxas de juros básicas da economia. João Guilherme Sabino Ometto, presidente da São Martinho e vice-presidente da Fiesp, afirmou ser "praticamente impossível, para a indústria, trabalhar com o real supervalorizado do jeito que está".

O ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser-Pereira, convidado para falar sobre câmbio, afirmou "que o real está totalmente fora de lugar, jogando contra uma estratégia de **desenvolvimento** nacional". Para o ministro Fernando **PIM**entel, no entanto, o empresário precisa "aprender a conviver com o câmbio".

"O problema do câmbio valorizado, que afeta de maneira aguda a economia, especialmente a indústria, não tem solução. Particularmente, preferia que a taxa estivesse mais desvalorizado, mas não adianta. Não há nada que possa ser feito. O empresário precisa aprender a conviver com isso e se modernizar", afirmou

PIMentel, para quem a atuação do governo deve se concentrar em uma política industrial.

Até o fim de junho, garantiu o ministro, a nova política industrial será lançada pelo governo, que receberá o nome de Política para o **Desenvolvimento** da Competitividade. "Estávamos a equipe econômica concentrados em debelar a inflação, nos primeiros meses de governo, e só agora conseguimos nos deter nas propostas para a nova política industrial", afirmou **PIM**entel.

O conjunto de medidas a ser anunciado nos próximos 30 dias incluirá a redução de impostos sobre a compra de bens de capital e a aceleração na devolução de créditos na **exportação**, demandas históricas de industriais brasileiros. "Fecharemos, nos próximos dias, as últimas ideias para a medida", adiantou **PIM**entel.

Em busca de um pacto, industriais e sindicalistas entregaram a Aloizio Mercadante, ministro de Ciência e Tecnologia, Michel Temer, vice-presidente da República, e a **PIM**entel um documento conjunto, antecipado pelo Valor na semana passada. Entre outros pontos, o material defende a redução de juros cobrados pelo Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico Social (**BNDES**) - já negativos, em termos reais - e a institucionalização das comissões de sindicalistas nas fábricas do país.

"Precisamos recriar o ambiente que propiciou a câmara setorial do setor automotivo, no início dos anos 1990, quando empresários, sindicatos e governo se uniram para negociar saídas para o setor", disse Sergio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, ligado à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Para Miguel Torres, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, da Força Sindical, "a data ontem é histórica, por marcar uma união em tempos de crescimento econômico, com o intuito de salvar o setor

industrial, onde os salários dos trabalhadores são os mais elevados", completou Torres.

Pressionado, no palco, por Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, presidente da Força Sindical, Michel Temer afirmou que cobrará a presidente da República, Dilma Rousseff, a inaugurar, na semana que vem, a primeira reunião da câmara tripartite entre governo, industriais e sindicalistas. "Me comprometo a, já na próxima semana,

levar o governo a fazer parte do pacto social proposto por vocês", afirmou.

Segundo Vagner Freitas, secretário de finanças da Central Única dos Trabalhadores (CUT), a maior do país, "os sindicalistas entendem que é **importante**, para o país e para o emprego, que as empresas nacionais sejam fortes", e o esforço, junto ao **Governo Federal**, será para que "o espaço para negociações se institucionalize".

	VEÍCULO BBC Brasil	EDITORIA	
	TÍTULO Explosão em planta de fabricante de iPads agrava crise de imagem da empresa		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Foxconn, que produz para empresas como Apple, Dell, Nokia e HP, já havia enfrentado onda de suicídios de funcionários no ano passado.

A maior fabricante terceirizada de eletrônicos do mundo, a taiwanesa Foxconn, enfrenta o agravamento de sua crise de imagem após a explosão que matou três funcionários e feriu outros 15 em sua fábrica em Chengdu, no sul da China, na última sexta-feira.

A empresa, conhecida internacionalmente pela **produção** de equipamentos para a Apple, como o iPhone e o iPad, já havia enfrentado no ano passado uma onda de suicídios de trabalhadores, levantando questionamentos sobre segurança e adequação das condições de trabalho.

A Foxconn, que além da Apple tem entre seus clientes empresas como Sony, Dell, Nokia e HP, emprega um milhão de trabalhadores na China e tem uma receita anual estimada em US\$ 80 bilhões.

Recentemente, durante a visita da presidente Dilma Rousseff à China, a empresa anunciou um investimento de R\$ 18,9 bilhões para a abertura de uma fábrica no **Brasil** para a **produção** de telas para celulares e iPads.

Explosão

O acidente da última sexta-feira em Chengdu ainda está sob investigação, mas as indicações iniciais apontam para a explosão de um pó combustível usado durante o processo de polimento de peças. A empresa interrompeu todas as suas linhas de montagem que realizam o processo de polimento até que o caso seja esclarecido.

O caso levou ainda o governo chinês a ordenar à Foxconn e a outras companhias taiwanesas que operam no país que garantissem a segurança de seus trabalhadores.

A empresa nega que seus funcionários enfrentam condições precárias e afirma que trabalha junto com o governo para garantir a segurança dos funcionários.

Para Thomas Dinges, consultor sênior da IHS iSuppli, uma das maiores empresas de pesquisa em tecnologia do mundo, o acidente de sexta-feira "não transforma o iPad produzido no local na nova versão do 'diamante de sangue' africano (diamantes produzidos em áreas de conflito e cuja venda foi proibida), mas agrava a crise da imagem da empresa com os consumidores".

"Os problemas com as condições de trabalho na empresa voltaram à cabeça de todo mundo, refrescando a memória fresca dos suicídios", observa.

Em um período de menos de um ano, até maio do ano passado, 11 funcionários da Foxconn se suicidaram saltando do alto de prédios da fábrica, principalmente em Shenzhen, no sul do país, onde estão concentrados metade de seus funcionários.

Os motivos dos suicídios estariam ligados à longa jornada de trabalho, aos salários baixos, à falta de um ambiente social e à natureza excessivamente repetitiva do trabalho nas linhas de **produção**.

Contrato

No ano passado, Apple e HP disseram que trabalhariam junto à gigante taiwanesa para resolver o "problema". "É quase impossível que tais acontecimentos façam a Apple cortar suas relações com a Foxconn", diz Dinges, explicando que ambas as empresas investiram muito tempo e recursos na parceria.

A planta de Chengdu conta com cem mil funcionários e é responsável pela fabricação exclusiva de produtos da Apple.

No dia 7 de maio deste ano, manifestações foram organizadas em Hong Kong por estudantes locais e da

China continental para protestar contra a conduta da Foxconn como empregadora.

Os participantes vestiam uniformes da companhia e mostravam cópias gigantes de iPads cobertas de sangue e com o símbolo da caveira que alerta para perigo químico.

Os atos ocorreram depois que a empresa de Steve Jobs lançou a versão branca do iPad em frente a uma das maiores revendedoras do produto na ilha.

'Condições alarmantes'

Duas semanas antes da explosão em Chengdu, a Associação de Estudantes e Professores Contra Má Conduta Corporativa (Sacom, na sigla em inglês), com base em Hong Kong, lançou um estudo sobre três fábricas da Foxconn na China continental.

O documento indicava que as condições de trabalho na planta localizada em Chengdu, na província de Sichuan, eram comparativamente "alarmantes".

"A Foxconn é uma das maiores empresas do mundo e produz para companhias que figuram entre as mais prestigiosas do mundo. Sempre haverá estudos sendo realizados sobre a gigante taiwanesa e é difícil afirmar quão exatos ou premonitórios eles são", pondera Dinges, que entende a liberação da pesquisa pela Sacom e a explosão em Sichuan como uma coincidência infeliz.

Na China continental, a Foxconn conta com pouca simpatia dos locais. Desde que os suicídios foram reportados, usuários da internet debatem a falta de controle do governo sobre as empresas e o modelo de **produção** industrial do país, que possibilitou a grande virada econômica da China.

Funcionários da Foxconn saíram em defesa de seus empregadores no campus da planta de Shenzhen em agosto de 2010, porém sem muito sucesso.

Fotos dos manifestantes segurando placas de apoio à empresa e a Terry Guo, presidente do grupo, postadas na internet foram criticadas por usuários; outros questionaram a veracidade do protesto ao dizer

que as mulheres participantes pareciam modelos. Críticas feitas à Apple foram raras.

A Foxconn não comenta as acusações específicas sobre as condições de trabalho em suas fábricas, mas afirma trabalhar para garantir o bem estar e a segurança dos funcionários.

"Temos um comprometimento com o governo para fazer todo o possível para garantir a saúde e a segurança dos trabalhadores da Foxconn", afirma um comunicado da companhia.

Prateleiras vazias

Dinges aponta que, mesmo que a ideia de consumo consciente esteja se alastrando, as prateleiras das lojas da Apple esvaziam rapidamente.

"A ligação da imagem do produto à sua cadeia industrial, neste caso problemática, leva muito tempo para ser formada", afirma.

Apesar dos problemas enfrentados pela Foxconn, o lançamento em Pequim do iPad 2 criou tumulto e longas filas em frente à loja da marca na capital chinesa, que hoje oferece o maior retorno financeiro à Apple no mundo.

Para o especialista da iSuppli, enquanto a explosão em Chengdu não for comprovadamente um caso de negligência, seus efeitos ficarão apenas no imaginário social como um novo agravante à imagem da Foxconn.

"A principal e mais imediata consequência do acidente deverá ser o questionamento mais severo por países que sejam destino dos investimentos da companhia, como é o caso do Brasil", conclui.

A Foxconn disse que já analisava havia vários anos a possibilidade de se instalar no Brasil. A empresa deve se beneficiar da medida provisória publicada na última semana pelo governo brasileiro para isenção fiscal na fabricação de tablets como os iPads no país, barateando o custo de **produção** em mais de 30%.

A medida foi tomada em resposta às exigências da companhia para se instalar no país. O governo brasileiro, por sua vez, exigiu que a mão de obra

contratada seja majoritariamente brasileira e que haja transferência de tecnologia.

O ministro da Ciência e da Tecnologia, Aloizio Mercadante, afirmou que 12 empresas já demonstraram interesse em produzir tablets no Brasil e que um

investimento do tamanho do da Foxconn pode gerar até 100 mil empregos, diretos e indiretos. BBC Brasil - Todos os direitos reservados. É proibido todo tipo de reprodução sem autorização por escrito da BBC.

	VEÍCULO FOLHA.COM	EDITORIA	
	TÍTULO Zona Franca produzirá tablets a partir de junho		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

KÁTIA BRASIL

DE **MANAUS**

Três empresas receberam autorização da **Suframa** (**Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus**) na última sexta-feira (21) para produzir tablets no Brasil.

Os projetos, que somam US\$ 51,2 milhões em investimentos, são das brasileiras Digibrás (do grupo CCE) e CBTD --que controla a marca Gradiente-- e da panamenha Greenworld.

As empresas produzirão, a partir do próximo mês, tablets de tecnologia chinesa e taiwanesa, segundo a **Suframa**. A linha de **produção** de cada companhia deve gerar entre 110 e 130 empregos na **Zona Franca** de **Manaus**.

Os benefícios fiscais que serão concedidos às companhias são os mesmos previstos para fabricantes de computadores com tela "touch screen" que pesam menos de um quilo, no qual se enquadram também os "palmtops".

O **Governo Federal** ainda trabalha num projeto que dará isenções específicas e mais vantajosas para a **produção** de tablets. A isenção do PIS e Cofins é um dos

pedidos da gigante taiwanesa Foxconn, que começa a montar o iPad --tablet da Apple-- a partir de julho, em Jundiaí (SP).

A Greenworld diz que produzirá 5.000 tablets no primeiro mês. O equipamento, de tecnologia chinesa, chegará ao **mercado** nacional custando R\$ 699, segundo o consultor Washington Encarnação, responsável pelo aprovação do projeto da empresa na **Suframa**.

A marca do produto não foi divulgada. Segundo Encarnação, a Greenworld escolheu **Manaus** pelas vantagens nas isenções do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) e do **ICMS**, que foi zerado pelo governo do Estado para a comercialização de tablets.

Procurada pela Folha, a Digibrás informou que só falaria hoje sobre a **produção** de tablets. Representantes da empresa CBTD não foram localizados.

	VEÍCULO PORTAL A CRÍTICA	EDITORIA	
	TÍTULO Suframa e CBA recebem visitas de embaixadores de países do sudeste asiático		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Visita serviu para troca de informações sobre as experiências regionais a fim de aprimorar as bases de um modelo de **desenvolvimento** próprio, também baseado na oferta de incentivos fiscais especiais, que os seis países asiáticos pretendem articular em conjunto

Manaus, 27 de Maio de 2011

Comitiva asiática e equipe da **Suframa** conversam sobre o modelo do Polo Industrial de **Manaus**

O modelo **Zona Franca** de **Manaus** e as iniciativas do **Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA)** vinculadas ao aproveitamento sustentável da biodiversidade amazônica, foram conhecidos nesta quinta-feira (26), por uma comitiva formada pelos embaixadores da Tailândia, Filipinas, Vietnã, Mianmar, Indonésia e Malásia, países integrantes da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), durante uma visita às sedes da **Superintendência** da **Zona Franca** de **Manaus (Suframa)** e do **CBA**, ambos localizados no **Distrito Industrial**, Zona Sul de **Manaus**.

A visita serviu para uma troca de informações sobre as experiências regionais a fim de aprimorar as bases de um modelo de **desenvolvimento** próprio, também baseado na oferta de incentivos fiscais especiais, que os seis países asiáticos pretendem articular em conjunto.

Na **Suframa**, a comitiva foi recebida pelo **Superintendente** adjunto de Projetos, Oldemar Ianck, que fez uma exposição abordando as vantagens comparativas do modelo **ZFM**, a contribuição do modelo para a preservação ambiental da região, a política de atração de investimentos e os principais indicadores de **produção**, faturamento e geração de empregos do Polo Industrial de **Manaus (PIM)**.

Ianck também convidou os embaixadores asiáticos para que compareçam à sexta edição da Feira Internacional da **Amazônia** (FIAM 2011), que será realizada no período de 26 a 29 de outubro deste ano, no Studio 5 Centro de Convenções, em **Manaus**.

Os embaixadores elogiaram os resultados alcançados pelo modelo **ZFM** em prol do **desenvolvimento regional** e demonstraram-se interessados principalmente em detalhes sobre a área de abrangência dos incentivos fiscais, os investimentos estrangeiros e a expressiva mão-de-obra técnica do **PIM**, indagando sobre as políticas de qualificação de trabalhadores, as bases de remuneração e os benefícios sociais ofertados.